



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS – INGLÊS**

KATLEEN DE KESIA OLIVEIRA

**COMPREENSÕES ACERCA DO ESTRANGEIRISMO NO BRASIL: UM BREVE
ESTUDO ETIMOLÓGICO DO TERMO E SUAS PRÁTICAS DE USO.**

**ARAGUAÍNA (TO)
2018**

KATLEEN DE KESIA OLIVEIRA

COMPREENSÕES ACERCA DO ESTRANGEIRISMO NO BRASIL: UM BREVE
ESTUDO ETIMOLÓGICO DO TERMO E SUAS PRÁTICAS DE USO.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à UFT – Universidade Federal
do Tocantins – Câmpus Universitário de
Araguaína para obtenção do título de
graduada em Letras – Inglês, sob orientação
da Prof^a. Me. Naiana Siqueira Galvão.

ARAGUAÍNA (TO)
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

O48c Oliveira , Katleen de kesia.
Compreensões acerca do estrangeirismo no Brasil: Um breve estudo etimológico do termo e suas práticas de uso . / Katleen de kesia Oliveira . – Araguaína, TO, 2018.
33 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Inglês, 2018.
Orientador: Naiana Siqueira Galvão

1. Estrangeirismo. 2. Linguística. 3. Empréstimo. 4. Uso . I. Título

CDD 420

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

KATLEEN DE KESIA OLIVEIRA

COMPREENSÕES ACERCA DO ESTRANGEIRISMO NO BRASIL: UM BREVE
ESTUDO ETIMOLÓGICO DO TERMO E SUAS PRÁTICAS DE USO.

O Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Letras – Inglês foi avaliado para a obtenção do título de graduada e aprovado em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora

Data de aprovação: _____/_____/_____.

Banca Examinadora:

Professora Mestre Naiana Siqueira Galvão (Orientadora)

Professor André Ricardo Ribeiro Silva (Examinador)

Professor Valdir Santos Rodrigues Coimbra (Examinador)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a duas parceiras que me ajudaram durante minha trajetória na faculdade. Kellen Lucy e Luciene Borba.

Muito obrigada por todo apoio, carinho e paciência.

Obrigada por me ajudarem sempre que precisei. Vocês foram fundamentais para que hoje eu pudesse chegar até aqui.

Um grande beijo para vocês e sucesso para todas nós.

Que os vossos esforços desafiem as
impossibilidades, lembrai-vos de que
as grandes coisas do homem foram
conquistadas do que parecia
impossível.

Charles Chaplin

RESUMO

Este trabalho busca tratar sobre o uso de estrangeirismos pelos falantes de língua portuguesa no Brasil. Buscaremos discutir, por meio de uma abordagem bibliográfica, sobre os fatores que levam ao uso dessas palavras, começando pela história da língua portuguesa, em que já é possível notar como outras línguas foram importantes para a sua constituição. Buscaremos opiniões de estudiosos favoráveis e contrários ao uso dos estrangeirismos, estabeleceremos também as diferenças entre estrangeirismo, empréstimo e neologismo. Por fim, trataremos sobre a influência do processo de globalização e da expansão da tecnologia para a fomentação do uso de palavras provenientes de outras línguas, sobretudo do inglês, que é uma língua global. Como resultado ao tratar sobre o uso do estrangeirismo no Brasil, constatou-se que esses termos advindos de outros países, não representam somente uma mudança na língua causando 'prejuízo', mas também um enriquecimento linguístico e cultural que aproxima diferentes nações.

Palavras-Chave: Estrangeirismo. Linguística. Empréstimo. Uso. Língua.

ABSTRACT

This work discusses about the use of foreign terms by Brazilian people. We will discuss, through a bibliographical approach, about the factors that lead to the use of these words, we will start with the history of Portuguese language, so we can already understand how other languages were important for its constitution. We will seek opinions from people who are favorable and against the use of foreignisms, and we will also establish the differences between foreignism, loan, and neologism. Finally, we will discuss the influence of the process of globalization and the expansion of technology to encourage the use of words from other languages, especially English, which is a global language. As a result, when dealing with the use of foreignism in Brazil, it was found that these terms derived from other countries not only represent a change in the language causing 'prejudice', but also a linguistic and cultural enrichment that brings different nations together.

Keywords: Foreignism. Linguistics. Loan. Use. Language

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 COMPREENDENDO A ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	11
3 O ESTRANGEIRISMO E SUAS FACES.....	14
3.1 Estrangeirismos	14
3.2 Globalização e estrangeirismos.....	17
3.3 O estrangeirismo é benéfico ou prejudicial à língua portuguesa?	20
3.4 Estrangeirismo, empréstimo e neologismo	22
4 MULTICULTURALISMO E O INGLÊS COMO LÍNGUA GLOBAL.....	23
4.1 Identidade cultural e multiculturalismo	23
4.2 A língua global.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

O conceito de estrangeirismo está associado ao uso de vocábulos ou de expressões pertencentes a outros idiomas. Esses vocábulos ou expressões são introduzidos em uma língua por meio do contato cultural ou da proximidade geográfica entre dois territórios que tenham falantes de línguas diferentes. É um fenômeno que ocorre de maneira espontânea e, quando percebemos, estamos utilizando empréstimos linguísticos para nos referir a objetos e a ideias.

De modo geral, um empréstimo pode ser considerado como a utilização de algo que não lhe pertence. Por meio do surgimento das tecnologias e da constante atualização das mesmas, os meios de comunicação tornaram-se um dos maiores facilitadores para o uso de termos estrangeiros. Programas televisivos, revistas, jornais impressos, rádios, internet; enfim, todos os meios de comunicação importam diariamente palavras que pertencem a outras línguas, e os motivos são diversos; seja pela falta de uma palavra que a substitua em seu próprio idioma, por modismo ou até mesmo para causar algum efeito.

Ao longo dos anos o português tem adotado vocábulos de outros idiomas e isso é resultado, principalmente, de relações políticas, culturais e comerciais com outros países.

Há quem veja os estrangeirismos como uma ameaça à língua portuguesa. Como exemplo disso, podemos citar o projeto de lei nº 1.576/99 do deputado federal Aldo Rebelo, que intencionava a proibição do uso de estrangeirismos no Brasil. Por outro lado, Bagno (2004, p. 74) defende que “os estrangeirismos não alteram as estruturas da língua, a sua gramática”, isso ocorre devido à inclusão de estrangeirismos acontecer no campo morfológico e não no campo sintático.

A

globalização tem aberto um leque de oportunidades para que termos estrangeiros adentrem no Brasil, por exemplo. Isso ocorre devido à facilidade de contato da população com os termos advindos de outras línguas:

Concordando com Bagno (2004), veremos que os empréstimos linguísticos não causam ‘prejuízo’ ao idioma oficial do país, seria necessário mais do que o uso de algumas palavras como: *hamburger*, *hot dog*, *milk shake*, *cappuccino*, *chouffer*, *air bag*, para substituir a língua inteira de um país.

Este trabalho surgiu da curiosidade sobre a intensa utilização de termos oriundos de outras línguas, assim, buscaremos compreender e refletir sobre o uso de estrangeirismos no Brasil. Desse modo, este estudo tem como objetivo geral entender a problemática do uso de estrangeirismos no Brasil; e como objetivos específicos, adentrar em todo o contexto do surgimento da língua portuguesa, assim como discorrer sobre a influência de diversas culturas no léxico do português e sobre a língua global (o inglês) e sua relação com a nossa língua.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, é realizado um relato em torno da origem e disseminação da língua portuguesa no Brasil, assim como toda a formação e transformação que sofreu ao longo dos tempos. O segundo trata do conceito de estrangeirismo e suas vertentes, enquanto o terceiro e último, busca dialogar sobre o multiculturalismo e sua incidência na língua portuguesa.

Os procedimentos metodológicos que fundamentam esta pesquisa bibliográfica se deram a partir de abordagem bibliográfica e histórica de diversos escritos em busca de uma compreensão acerca do uso de estrangeirismos e sua entrada no país. Baseando-nos no relato de alguns autores como: Stuart Hall (2006), Garcez e Zilles (2004), Maria Cristina de Assis (2014), vem buscar esclarecer os questionamentos em torno do estrangeirismo.

2 COMPREENDENDO A ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

Trataremos nesta seção sobre o surgimento da língua portuguesa, como um fruto das transformações do latim vulgar, língua dos romanos que chegou à Península Ibérica. Essa língua (o latim) tomou o espaço de outras línguas que já existiam na Península, evoluindo ao longo dos séculos até transformar-se em outros idiomas.

Como mencionado, a língua portuguesa é originada do latim, que por sua vez, veio da língua indo-europeia. A língua latina falada na parte ocidental da Península Ibérica sofreu longos processos de transformações, fruto da expansão territorial de Roma por volta do século II a.C. Essas transformações culminaram no surgimento de outras línguas (chamadas neolatinas), dentre elas o português. (ASSIS, 2014).

Quando os romanos chegaram à Península Ibérica, encontraram outros povos que a habitavam, os principais eram os celtas, os ibérios e os gregos. As línguas desses povos aos poucos, ou seja, gradativamente, foram suplantadas pelo latim. Segundo Assis (2014, p. 116) “A romanização da Península não se deu de maneira uniforme, mas gradativamente, o latim foi se impondo, fazendo praticamente desaparecer as línguas nativas”.

Dessa forma, os romanos tiveram uma importância decisiva na formação da língua portuguesa, pois foi o latim a principal fonte linguística que contribuiu para a formação do nosso léxico. No entanto, como já dito, existiam outras línguas na Península Ibérica; essas línguas também contribuíram para a formação do português, afinal, mesmo sendo suplantadas pelo latim, elas deixaram vestígios de uma influência que dura até hoje. Ou seja, temos atualmente, no português, vestígios das línguas dos celtas, dos iberos e dos gregos.

Dentre as palavras originadas do latim podemos citar: aprender (*apprendere*), boca (*bucca*), casa (*casa*) e viagem (*viaticum*), originadas do latim vulgar e aprender (*discere*), boca (*os*), casa (*domus*), do latim clássico. O latim clássico apresenta diferenças não só na grafia e na fonética quando comparada ao latim vulgar, mas na forma de expressão da linguagem. (ASSIS, 2014). Com isso, podemos perceber que o latim ainda possuía duas modalidades: uma clássica, que era uma linguagem culta, mais utilizada na escrita pelos artistas e pelo clero; e uma modalidade dita vulgar, que era a falada e utilizada pelo povo em geral. Porém, foi o latim vulgar que deu sua maior contribuição para a língua portuguesa.

Segundo Fernandes e Costa (2014, p. 39) “nossa história começa com o Latim em Roma, quando o idioma passa a ser utilizado como instrumento literário, adquire duas vertentes: o Clássico e o Vulgar”. Ao ser utilizado como instrumento literário, latim clássico passa a ser a modalidade da língua latina escrita, enquanto que o latim vulgar é a modalidade falada, sobretudo pelo povo.). Porém, havia outras modalidades, como notamos na fala de Assis (2014, p. 123): “Além do latim clássico e vulgar, havia outras modalidades do latim, como o baixo-latim, intermediário entre o clássico e o vulgar”. No entanto, o que mais nos interessa neste estudo é a evolução do latim vulgar, já que esta era a modalidade popular de fala predominante no Império Romano e em seus territórios anexados.

O latim deu origem não apenas ao português, mas a várias outras línguas que também são denominadas línguas românicas ou neolatinas. Todas essas línguas românicas (português, francês, italiano, espanhol, catalão etc) são resultado das transformações do latim vulgar levado à Península Ibérica.

Coutinho assim conceitua as duas vertentes do Latim:

Diz-se Latim Clássico a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com propriedade, a urbanitas. [...]. Chama-se Latim Vulgar o Latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana, inicialmente e depois de todo o Império Romano. Nestas classes estava compreendida a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que não tinham preocupações artísticas e literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente. (COUTINHO, 1976, p. 29-30).

Assim, podemos concordar com Assis (2014), que também afirma ser o latim clássico uma forma de linguagem mais requintada, culta, conservadora, possuindo estilo, elegância e buscando uma rígida correção gramatical, enquanto o latim denominado vulgar era uma língua utilizada pelo povo sem preocupação com a gramática.

Com a expansão do Império Romano, o latim vulgar se espalhou por vários territórios. O Império Romano, porém, ruiu com as invasões bárbaras e mais tarde com as invasões dos mouros, isso fez com que surgissem modalidades linguísticas chamadas “romances”, que eram intermediárias entre o latim e as línguas neolatinas ou românicas. É o que afirmam Fernandes e Costa (2014, p. 40): “após a ruína do Império Romano, o latim vulgar se expandiu livremente pelos domínios das hordas bárbaras e, é adotado como idioma comum de povos diversos, originando diferentes romances e depois a várias línguas neolatinas”.

A história da nossa língua revela que muitas línguas/povos e processos históricos contribuíram para sua formação. Os estrangeirismos sempre estiveram presentes nessa evolução, assim, a identidade linguística da língua portuguesa possui traços de várias línguas de outros povos, desde antes dos romanos, até períodos de colonização mais recentes. É válido lembrar que essa mistura acaba não ocorrendo somente no campo linguístico, mas, também, no campo das tradições culturais, folclóricas e gastronômicas, por exemplo. Segundo Figueiredo,

Constituída nos fins da Idade-Média com elementos célticos, latinos, gregos, árabes e góticos, a língua portuguesa tem recebido nos últimos cinco séculos as mais variadas contribuições, desde a influência do francês, até a do tupi, do quinchua, do caraíba, na América; do quimbundo e dialectos cafreaís, na África; do chinês, do tâmul, do malaio, na Ásia e na Oceania. (FIGUEIREDO, 1938, p.8).

Ainda de acordo com Figueiredo (1938), o contato entre estas comunidades foi decisivo para o desenvolvimento da língua portuguesa, tendo diversos costumes e palavras utilizadas atualmente originadas a partir dessa relação entre os povos.

Um bom exemplo disso são as influências indígenas que podem ser vistas no vocabulário brasileiro. Segundo Barata et al (2001), são inúmeras as palavras originadas de povos como os tupinambás, por exemplo, entre elas temos nomes de plantas, animais e frutas, tais como: abacaxi, araticum, buriti, caju, capim, capivara, carnaúba, cipó, cupim, ipê, imbuia, jabuticaba, jacarandá, mandacaru, mandioca, maracujá, piranha, sucuri e tatu, que são marcas linguísticas desta cultura.

Podemos considerar, portanto, que a língua portuguesa também foi construída e modificada por meio da relação com diversos povos que pelo Brasil passaram e viveram, sobretudo com os índios e africanos por terem tido um papel tão importante na construção da identidade cultural e linguística do país. Segundo Santana (2011), a língua portuguesa falada no Brasil ainda na época da sua colonização recebeu uma forte influência das línguas indígenas (principalmente a tupi) e africana, o que foi muito enriquecedor para o nosso léxico.

Em contrapartida, é preciso mencionar que muitas línguas indígenas e africanas acabaram sendo suplantadas pelo português no Brasil; com a colonização e a escravidão, indígenas e negros passaram a adotar a língua portuguesa, porém, sem deixar de influenciá-la com empréstimos e traços linguísticos típicos de suas culturas. Para Fernandes e Costa (2014), mesmo com a expansão da língua portuguesa, os léxicos indígenas não deixaram de ser empregados, e, devido à escravidão, traços linguísticos africanos integraram o repertório da língua

portuguesa que após a chegada ao Brasil se misturou à língua indígena, africana e dos imigrantes.

É perceptível, portanto, que ao longo do tempo uma série de diversas transformações deu origem à língua portuguesa. Desde o latim vulgar ao português moderno, a língua sofreu as mais diversas influências. No Brasil, seu percurso foi enriquecido, sobretudo, com a incorporação ao léxico de diversas palavras pertencentes às línguas dos indígenas, dos africanos e de povos imigrantes

Segundo Faraco (2006, p. 14), “as línguas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados.” Essa afirmativa nos leva a compreender que a língua portuguesa está sempre em constante movimento e, é susceptível, como qualquer língua, a mudanças advindas das relações socioculturais com outros povos.

3 O ESTRANGEIRISMO E SUAS FACES

3.1 Estrangeirismos

Segundo Faraco (2001, p. 9) estrangeirismos são entendidos como “palavras e expressões de outras línguas, usadas correntemente em algumas áreas do nosso cotidiano”. Assim, um vocábulo ou expressão estrangeira que se une ao português e é constantemente utilizado pelos falantes é considerado como um empréstimo linguístico. Nesse sentido, convém lembrar que um termo passa a ser considerado como um empréstimo linguístico quando é tão aceito e conhecido pelos falantes da língua e tão constantemente utilizado que já não é mais visto como estrangeiro

Os empréstimos linguísticos ocorrem constantemente como trocas decorrentes do contato entre comunidades linguísticas diferentes. Podemos citar como exemplo de empréstimo linguístico do inglês para o português a palavra *stress*, que atualmente foi aportuguesada e já consta nos dicionários de língua portuguesa, sendo grafada como “estresse”. Segundo Câmara Júnior (1998, p. 111),

Na língua portuguesa os estrangeirismos mais frequentes são hoje galicismos e anglicismos. O vocábulo estrangeiro, quando é sentido como necessário, ou pelo menos útil, tende a adaptar-se à fonologia e à morfologia da língua nacional, o que para a nossa língua vem a ser o aportuguesamento (CÂMARA JÚNIOR, 1998, p. 111).

Nesse sentido, os vocábulos e expressões estrangeiras passam a integrar a língua portuguesa e sofrem primeiramente modificações fonológicas, para em seguida sofrerem também modificações gráficas, que passam a existir quando já são consideradas expressões aportuguesadas.

Apesar de serem muito comuns na língua portuguesa, não é raro ver os estrangeirismos sendo apontados como vícios de linguagem, principalmente por manuais gramaticais, geralmente esses manuais recomendam evitar o uso de estrangeirismos principalmente na escrita, e, caso não seja possível fazê-lo, recomenda-se, também, grafá-los em itálico, se não tiverem uma forma aportuguesada.

De acordo com Santana (2011), uma unidade lexical estrangeira, ao integrar a língua nacional, representa um empréstimo linguístico. Essas unidades lexicais são bastante enriquecedoras e podem ser adotadas em um momento em que se importam objetos ou produtos cujo nome ou nomenclatura não existem na língua portuguesa. Para Câmara Júnior (1989, p. 269), “os empréstimos abrangem todas as aquisições estrangeiras que uma língua faz em virtude das relações políticas, comerciais ou culturais com povos de outros países”.

Nesse sentido, não há como negar que a utilização de empréstimos é quase inevitável, principalmente em um mundo globalizado e informatizado, afinal, é inevitável o relacionamento econômico, político e cultural entre nações, e, por esse motivo, é difícil impedir o relacionamento linguístico e conseqüentemente o uso de estrangeirismos.

O receio de que os estrangeirismos afetem drasticamente a língua é um temor desnecessário, segundo Bagno (2004, p. 74) “os estrangeirismos não alteram as estruturas da língua, a sua gramática”. É importante ressaltar que os estrangeirismos não causam modificações sintáticas nas línguas, já que são empregados no campo morfológico e lexical. E mesmo que trouxessem alterações bruscas, é preciso entender o fato de que a língua muda naturalmente. Um exemplo de grande mudança e transformação linguística foi mostrado anteriormente neste trabalho, é o caso da língua latina, que por meio da mistura com outras línguas, de muitas trocas e mutações linguísticas deu origem a várias línguas atualmente chamadas de neolatinas ou latinas, como é o caso do português. Assim, a tendência natural de uma língua é que ela mude e se desenvolva tendo contato com outras.

Porém, de acordo com Ferreira; Gomes (2014), ainda existem muitos estudiosos que dividem opiniões com relação ao uso abusivo de estrangeirismos, considerando que para alguns linguistas os estrangeirismos devem ser empregados quando não existem termos equivalentes na língua portuguesa.

É perceptível que em épocas mais recentes a língua portuguesa tem recebido várias contribuições da língua inglesa. Isso é resultado da influência da cultura norte-americana, causada principalmente pelo desenvolvimento da tecnologia, principalmente na área de mídias e comunicação, o que ampliou significativamente a relação entre as nações. Podemos citar como exemplos de palavras da língua inglesa adotadas pelos brasileiros: *shopping, self-service, print, laptop, hot dog, fashion, mouse, home theater, piercing, notebook, download, pop star*, dentre muitas outras.

Por outro lado, isso não ocorre em outros países onde é falada a língua portuguesa, como nos lembra Infante (2001, p. 193) “Deve-se levar em conta que muitos empréstimos da língua portuguesa atual do Brasil não ocorreram em Portugal e nas colônias africanas, onde a influência cultural e econômica dos Estados Unidos é menor”. Sendo assim, é preciso considerar que o uso de estrangeirismos ocorre com mais facilidade quando há algum tipo de proximidade entre as nações, seja uma proximidade política, econômica ou cultural.

No Brasil, segundo Gois (2007), a crescente absorção da cultura norte-americana faz com que haja um desejo de estruturar um padrão de vida ou de comportamento igual ao padrão americano. Observa-se que esse desejo coletivo permite as mais diversas áreas sociais e econômicas o sonho de estar mais próximo de um padrão de vida americano principalmente na aquisição de determinados produtos, como é o caso da moda.

É importante lembrar que não só a língua inglesa trouxe influências ao português. Antes de serem influenciados pela cultura americana, os brasileiros tiveram contato com outras culturas principalmente em um período ainda de desenvolvimento da nação, e foi por meio desse processo que a língua portuguesa falada no Brasil se transformou em uma modalidade diferente daquela falada em outros países, sobretudo em Portugal. As influências culturais vindas de Portugal, da Espanha da África e de outros locais no período colonial foram importantes fontes de enriquecimento da língua portuguesa, fonte não só de vocábulos novos, mas também de costumes e de tradições.

Com o advento das tecnologias e sua disseminação em massa, a relação entre diversos idiomas e línguas ficou mais fácil e a curiosidade por outras culturas aumentou. Isso contribuiu para o aumento do uso de estrangeirismos principalmente por parte dos jovens, que utilizam muito a internet, como afirma Crystal (2004, p. 96) “os jovens gostam de usar palavras estrangeiras, pois em geral elas soam inovadoras”. Nesse sentido, Jablonka (2010) afirma que é inevitável o acesso aos estrangeirismos, e estes enriquecem o léxico da língua receptora e contribuem para o desenvolvimento das línguas.

3. 2 Globalização e estrangeirismos

Na seção anterior tratamos sobre algumas peculiaridades dos estrangeirismos, caracterizando-os como um processo natural em um mundo globalizado e informatizado. O uso dessas expressões é uma prática possível de ocorrer em qualquer língua, e é característica da evolução das línguas, porém, ao longo do tempo, fatores como a globalização e o aperfeiçoamento das tecnologias tornou essa prática ainda mais recorrente. Sobre a globalização, Hall (2006, p. 67) afirma que:

A globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de tempo espaço, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. (HALL, 2006, p. 67).

Dessa forma, há impactos da globalização em diferentes âmbitos, tanto na área social e cultural, quanto na área política e econômica. O uso da língua inglesa como língua franca é um exemplo de como o processo de globalização tem evoluído no mundo moderno e de como ele pode ser fruto de questões políticas e econômicas. Atualmente a língua inglesa pertence a uma nação considerada política e economicamente poderosa, o que contribui para que sua língua seja tratada como língua franca ou internacional.

O resultado desse processo de globalização e de aumento da interação entre as pessoas por meio do avanço da tecnologia foi, dentro da questão linguística, um aumento grandioso do uso de estrangeirismos. Segundo Falcão; Stella (2012), muitas das mudanças ocorridas no léxico da língua portuguesa aconteceram por empréstimos de vocábulos estrangeiros, principalmente do inglês.

A economia é uma das áreas que mais sofreram impacto da globalização, esse impacto também possui uma faceta linguística já que muitos produtos, serviços e processos relacionados ao comércio passaram a demandar a utilização de termos de compreensão global. A língua inglesa é uma das que mais promovem essas questões, uma vez que é considerada uma língua internacional; além disso, o modelo econômico dos países falantes de inglês, sobretudo dos Estados Unidos da América instiga ao consumismo e busca propagar essa ideia também por meio da língua. Segundo Almeida et al (2011), além da questão econômica há, também, o surgimento de “comunidades globais” caracterizadas por um grupo de pessoas que partilham sua cultura e seu modo de pensar. As redes sociais e os sistemas de mensagens instantâneas permitem que cada vez mais vivamos em comunidades interagindo através de uma linguagem considerada universal.

É preciso dizer que a preferência pelo uso de termos em língua inglesa, atualmente, também está associada a uma questão de *status* econômico e social. Segundo Zilles (2004), no campo das mudanças linguísticas, os empréstimos de palavras ou expressões são em geral associados a atitudes valorativas positivas do povo que os toma em relação à língua e à cultura do povo que lhes deu origem. Muitas vezes são úteis para a elite que se intitula diferente e superior. Outras vezes, são felizes incidências na constituição da identidade e cultura de um povo.

Dessa forma, a publicidade e a mídia se aproveitam dessa supervalorização da língua inglesa e utilizam os estrangeirismos como estratégias lucrativas de vendas e de propaganda. Para isso, também desempenham um importante papel os meios de comunicação. Muito no que diz respeito ao uso de estrangeirismos é fomentado pelos meios de comunicação, que retratam outras culturas, muitas vezes supervalorizando a língua e os costumes dessas culturas, o que influencia a supervalorização também por parte do público.

Segundo Timbane (2012), a comunicação em massa, principalmente com o surgimento da informatização, depois a rede mundial de computadores supervalorizou a internacionalização instantânea da comunicação beneficiando o processo da globalização e levando informação a milhares de pessoas acabando com as barreiras e fronteiras para a comunicação com outras nações. A internet, por sua vez, deu autonomia entre os povos de cada região contribuindo para o ensino e aprendizagem influenciando inclusive o desenvolvimento social e moral das pessoas.

Com os meios de comunicação de massa e as redes sociais é possível o acesso a milhares de informações por pessoas das mais diversas culturas e lugares. Isso facilita o conhecimento de novas línguas, culturas e costumes, o que não podemos deixar de ver como algo benéfico; no entanto, é importante lembrar que o problema disso muitas vezes reside no esforço que os meios de comunicação e a mídia fazem para mostrar algumas culturas como mais elevadas que as outras. Isso tem fomentado um maior apreço por certas línguas e costumes, o que leva as pessoas, como já dito, a entenderem como uma questão de *status* social o uso desses costumes, dessas línguas ou de estrangeirismos vindos delas.

Dessa forma, o desejo por aprender uma língua estrangeira provém não só da necessidade, mas também do prestígio que isso traz. Rajagopalan (2003, p. 65) nos diz que: “só pode haver um único motivo para alguém querer aprender uma língua estrangeira: o acesso a um mundo melhor”. As pessoas se dedicam à tarefa de aprender línguas estrangeiras porque querem melhorar de vida, buscando melhores oportunidades de emprego e aumentando relações com outros povos que falam línguas estrangeiras. A língua estrangeira sempre representou prestígio, levando a população a ver quem domina a língua estrangeira como uma pessoa culta e distinta. (RAJAGOPALAN, 2003).

Dessa forma, o uso de estrangeirismos e também o aprendizado de uma língua estrangeira não estão ligados somente a uma questão de necessidade ou de curiosidade. Como um objeto de prestígio e de *status*, a língua estrangeira adentra o universo das pessoas não apenas para facilitar suas trajetórias, mas para trazer a elas uma imagem singular, de alguém que se destaca por ter um conhecimento que nem sempre é acessível à maioria das pessoas. O uso de estrangeirismos ou de uma língua estrangeira pode ser, portanto, um objeto de inclusão ou exclusão; de inclusão, porque as pessoas que alcançam seu acesso passam a ter certo *status* perante alguns grupos sociais, e de exclusão, porque aqueles que não utilizam tendem a ser vistos como menos informados ou menos instruídos.

As culturas dominantes possuem o poder de espalhar suas crenças e valores e isso pode ser feito por meio da influência linguística. A língua e os estrangeirismos podem ser utilizados como um meio de propagação de certas culturas e dominação delas sobre outras. O processo de globalização e os avanços tecnológicos contribuem muito para isso, os meios de comunicação em massa também operam

de modo insistente deixando algumas culturas e línguas em maior evidencia que outras.

3.3 O estrangeirismo é benéfico ou prejudicial à língua portuguesa?

Nesta seção, continuaremos a tratar sobre as questões linguísticas como forma de dominação e de imposição cultural. Buscaremos refletir sobre o uso dos estrangeirismos pelos brasileiros, se isso é benéfico ou prejudicial à língua, procurando a opinião de autores favoráveis e não favoráveis.

Como já esclarecido na seção anterior, a língua pode ser um instrumento de dominação de uma cultura considerada como superior sobre outras culturas passíveis de serem dominadas. Um claro exemplo disso foi colocado na primeira seção, onde tratamos sobre a história da língua portuguesa. Nesse caso, o povo dominado foi obrigado a usar a língua dos dominadores: o latim, isso aconteceu em todo o período de ascensão do império romano, em que os romanos se estabeleceram em vários territórios e impuseram sua língua e cultura, esse processo contribuiu para que a língua portuguesa e outras línguas se desenvolvessem. Depois disso, Portugal e Espanha também são bons exemplos de dominação cultural e linguística, já que, por meio de processos de colonização, forçaram outros povos a adotarem sua língua e cultura.

Mais recentemente, no período da revolução industrial, outras questões linguísticas passaram a ser inseridas no cotidiano das pessoas. Segundo Gonçalves et al (2011, p. 3) com o avanço da ciência e da tecnologia, “Muitos postulados científicos levavam o nome de seus autores e ao chegarem a terras estrangeiras os nativos se viam obrigados a falarem tais nomes, caso quisessem se inserir na elite”. Esse é um claro exemplo de como as questões linguísticas podem ser utilizadas como objeto de poder, de inclusão ou exclusão social. Esse é o caso da língua inglesa, apreciada por muitos brasileiros e almejada como objeto de prestígio.

Segundo Pires (2002), devido a conquista da hegemonia dos Estados Unidos, o inglês é considerado a língua mais falada no mundo, fortalecendo a tese de que a língua é verdadeiramente um instrumento de dominação não só na época da antiguidade, como atualmente.

Para Gonçalves et al (2011), o uso dos estrangeirismos é uma questão alvo de muitos debates em nossa sociedade, não só para os gramáticos e lingüistas, mas

também para leigos, por ser uma questão polêmica entre defensores e opositores. Alguns defendem o uso dos estrangeirismos, já que isso é um processo natural em qualquer língua, outros são contra, já que isso pode representar uma estratégia de dominação cultural e uma apreciação demasiada por outras línguas.

Um exemplo de debate sobre o uso dos estrangeirismos ocorreu por meio do deputado Aldo Rebelo, que desde os anos 2000 tem buscado de modo legal a proibição do uso dos empréstimos linguísticos. A Comissão de Constituição e Justiça da Câmara aprovou o Projeto de Lei nº 1.676, de 1999 do deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP) proibindo o uso de estrangeirismos no país. No projeto de lei consta que “a língua portuguesa é um dos elementos de integração nacional brasileira, concorrendo, juntamente com outros fatores, para a definição da soberania do Brasil como nação”. (Brasil, 1999, p. 1-2). Para Prado (2015, p. 29) o projeto de lei “dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa”, isso, ainda de acordo com o autor, é um grande engano, já que não há possibilidade de proibir o uso de determinadas palavras pela comunidade linguística através de uma lei.

Segundo Gonçalves et al (2011), muitos estudiosos discordam do projeto de lei do deputado Aldo Rebelo e defendem a “*língua viva*”, ou seja, uma língua livre que sofre influências das massas, de outros povos, do vocabulário de jovens, idosos e adultos, dentre outros fatores. Outros conservadores argumentam em favor de uma norma padrão. Uma linguagem imutável que busque a valorização da língua portuguesa dentro do contexto sociocultural, na tentativa de preservar a língua sendo um bem nacional.

Dessa forma, É importante que haja uma relação amigável e respeitosa entre os países. Devemos também considerar a quantidade de vezes em que os empréstimos linguísticos foram e são uteis para o nosso dia a dia. O adequado seria manter uma postura equilibrada diante das línguas estrangeiras e do uso de estrangeirismos, visto que não pode haver nem supervalorização e nem proibição desses usos. Não há como evitar as misturas entre as línguas e nem mesmo as mudanças decorrentes disso. A influência de outras línguas e culturas no Brasil é benéfica, desde que ocorra moderadamente, sem que o brasileiro se sinta diminuído ou inferiorizado por elas.

3. 4 Estrangeirismo, empréstimo e neologismo

Os termos estrangeirismo, empréstimo e neologismo podem ser facilmente confundidos, pois possuem significados muito próximos. O estrangeirismo, como já foi dito anteriormente, é uma palavra proveniente de outra língua, sem que haja necessariamente uma correspondente na língua a qual ela passa a integrar; essa palavra tem sua grafia e pronúncia preservadas, é o caso da palavra *fashion*, por exemplo. O empréstimo também é uma palavra com origem em outro idioma, porém, a grafia e a pronúncia sofrem modificações, a palavra futebol (*football*) é um bom exemplo. Segundo Gonçalves et al (2011), o empréstimo sofre pouca modificação e passa a fazer parte do léxico, sendo que todas as palavras classificadas como empréstimo foram um dia estrangeirismo.

Os empréstimos também são denominados de acordo com a língua de onde procedem, assim temos na língua portuguesa, principalmente anglicismos, galicismos e castelhanismos. Segundo Falcão; Stella (2012), no Brasil, os empréstimos derivam primeiramente do inglês (anglicismos), seguidos de palavras do francês (galicismos), seguidas, por último, de palavras em espanhol (castelhanismos).

Segundo Jablonka (2010), em relação aos anglicismos, a área em que eles mais florescem é a das novas tecnologias. Os termos técnicos da área da informática e da internet nasceram na língua inglesa e assim são utilizados em todo o mundo, afinal, é muito mais fácil utilizar um estrangeirismo ou um empréstimo do que criar um termo correspondente.

No português, muitas dessas palavras acabam sofrendo alterações fonéticas imediatas, com o tempo essas alterações passam para o âmbito ortográfico, assim os estrangeirismos se tornam formas aportuguesadas, ou seja, empréstimos.

Os neologismos se enquadram em uma outra categoria um pouco mais distinta que os estrangeirismos e empréstimos. Enquanto estes dois últimos estão sempre associados a uma origem em língua estrangeira, o neologismo pode ter sua origem utilizando-se de palavras da própria língua a qual pertence. Segundo Klein:

Neologismo é a criação de palavras novas, o que é desnecessário pela riqueza de vocabulário com que nossa língua já os presenteia. Entretanto o neologismo é bem aceito quando criado para definir algo igualmente novo ou para dar um efeito estilístico ao texto (no caso de obras poéticas) (KLEIN, 2010, p. 111).

Como exemplos de neologismos que mesclam o português com uma língua estrangeira podemos citar *deletar* e *twittar*, essas palavras, como muitas outras ganharam um novo sentido ao serem mescladas com o português. Como já dito, os neologismos não estão associados somente a outra língua estrangeira, ou seja, eles podem surgir de palavras na própria língua, modificando-as ou não, mas sempre dando novo sentido a elas, como exemplo podemos citar “laranja” (falso proprietário), “mico” (situação constrangedora) e também expressões como “dar um bolo” (não comparecer a um encontro) e “fazer bicos” (fazer trabalhos temporários).

Com a chegada das novas tecnologias e com o crescimento das novas mídias e redes sociais, também cresceu o uso dos neologismos, principalmente porque as palavras provenientes da língua inglesa costumam ser fundidas com elementos do português.

Segundo Câmara Jr (1998), o vocábulo estrangeiro, quando é sentido como necessário, ou pelo menos útil, tende a adaptar-se à fonologia e à morfologia da língua nacional, o que para a nossa língua vem a ser o aportuguesamento.

4 MULTICULTURALISMO E O INGLÊS COMO LÍNGUA GLOBAL

4.1 Identidade cultural e multiculturalismo

Nesta seção trataremos sobre o papel da identidade cultural nas questões linguísticas e sobre como o multiculturalismo tem causado influências sobre essas questões. Segundo Santos (2011, p. 146), “as identidades culturais nascem, se formam e se consolidam pelo processo de identificação/diferenciação”. Sendo assim, em uma determinada comunidade as crenças, os valores, as tradições e os costumes são identificados e avaliados como aceitáveis ou não aceitáveis pelos indivíduos que dela fazem parte. Para Bavaresco; Tacca (2016), existem diversas maneiras de caracterizar uma identidade cultural; entre elas, cita-se os interesses e afinidades de um povo, assim como faixa etária, sexo e até mesmo a situação econômica. O ser humano faz parte de meios sociais como a escola, a família, a classe social e cada um desses agrupamentos interferem nos conceitos e na construção linguística dos indivíduos.

Assim, a identidade cultural de um indivíduo pode ser moldada ao longo do tempo, já que está diretamente ligada às experiências vividas em diversos âmbitos, seja no familiar, no escolar, ou em outros; além disso, depende também de outras questões já mencionadas, como idade e sexo. A identidade cultural pode ser considerada como o referencial de um povo, e esse referencial está sujeito a influências de outras culturas

Segundo Hall (2006), mesmo que os indivíduos sejam membros de um mesmo grupo ou comunidade, a sua identidade cultural ainda é resultante do contato com outros grupos, que ao ser diferente implicará em diferenças entre a população pertencente a um mesmo agrupamento. Indivíduos de uma mesma faixa etária dentro de um grupo podem apresentar identidade cultural diferente.

Muito disso ocorre principalmente por fatores como sexo e faixa etária, como exemplo podemos dizer que jovens mulheres e homens idosos geralmente possuem interesses distintos e uma identidade cultural razoavelmente diferente, mesmo que pertençam à mesma comunidade. Essas diferenças também são fomentadas pelo processo de globalização, que facilita o acesso principalmente dos jovens a novas culturas.

Segundo Slater (2002) a cultura enquanto ideal social precisa realizar uma função social e/ou preservar os ideais de comunidade e identidade por meio das quais a ordem social pode ser mantida ou criticada em nome de uma ordem melhor.. Conforme Hall (2006, p. 7) afirma:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p. 7).

Dessa forma, um dos papéis principais da cultura é preservar uma determinada ordem de construção da sociedade. Com a globalização e o avanço da tecnologia, as velhas identidades são abaladas por novos conceitos, conceitos que a princípio soam inaceitáveis para aqueles que preservam uma cultura muito distinta, porém, pouco a pouco esses novos conceitos são introduzidos na sociedade. Pode-se dizer que um bom exemplo disso é uma sociedade patriarcal e cristã tornar-se

cada vez mais progressista devido ao acesso a ideias vindas do feminismo, por exemplo.

Ainda de acordo com Hall (2006), com o avanço das tecnologias, em especial dos meios de comunicação, surgiu a oportunidade de consumir produtos produzidos por outras culturas, aumentando a relação entre os povos. Porém, com o aumento dessas relações muitos indivíduos passaram a aderir a particularidades não pertencentes a sua realidade, havendo uma necessidade de se atentar a isso para evitar assimilar uma realidade de valores que provoque uma perda de sua identidade.

Dentro desta percepção surge o multiculturalismo que veio para agregar valores às novas identidades e encontra-se fundamentado no “reconhecimento das diferenças e da individualidade de cada um” (BAVARESCO; TACCA, 2016, p. 61) e refere-se às “intensas mudanças demográficas e culturais que têm ‘conturbado’ as sociedades contemporâneas”. (MOREIRA, 2008, p. 7).

Dessa forma, o multiculturalismo está ligado à mistura cultural e ao acesso a várias culturas e a seus modos de pensar, assim os diferentes se unem e se influenciam mutuamente. Para Hall (2003, p. 55), “nos dias atuais a exclusividade de uma nação não mais existe, pois elas estão interligadas e interagindo concretamente, reflexo do multiculturalismo que exalta a diferença sem fazer diferença”.

Dessa forma, as identidades culturais podem ser abaladas, uma vez que os indivíduos passam a ter acesso a identidades diferentes das que costumavam se encaixar, isso enfraquece costumes, crenças e tradições, já que questões externas passam a influenciá-los, é o que nos diz Hall (2006, p. 9) “À medida que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural”.

É importante lembrar que as diferenças culturais também podem dar origem à discriminação, uma vez que é possível entre os grupos humanos classificar culturas como superiores ou inferiores. A língua é um importante instrumento para facilitar as relações entre diversas culturas, a língua inglesa é o exemplo mais atual disso; no entanto, também pode ser vista como objeto de prestígio que exclui aqueles que não possuem acesso a ela.

O multiculturalismo atual é fruto do processo de globalização, ocorrido principalmente com o avanço das tecnologias e das mídias sociais, e também com a possibilidade de se percorrer longas distâncias em menor tempo, o que faz com que as pessoas tenham acesso facilitado a outros meios sociais não somente de modo virtual, mas também pessoal. Segundo Hall (2006), a migração e o contato mais estreito entre os indivíduos de diferentes sociedades permite uma completa mistura de identidades. Com isso estão emergindo novas identidades culturais, produto dos complicados cruzamentos e misturas cada vez mais comuns num mundo globalizado.

Rajagopalan (2003) concorda que a nova relação entre as pessoas das diferentes regiões do mundo, das mais variadas etnias e línguas, de histórias e tradições diferentes, se deu como consequência imediata do rompimento das barreiras que, até pouco tempo atrás, pareciam intransponíveis e serviam de impedimento a qualquer forma de aproximação entre os povos.

Atualmente, as pessoas no mundo todo podem ter acesso imediato às mesmas informações e graças à internet, chegam a utilizar os mesmos termos para descrever os mesmos objetos do mundo informatizado. Nesse contexto, a língua inglesa reafirma sua supremacia e a cultura dos povos falantes dessa língua passa a ficar em evidência. Assim, culturas do mundo inteiro podem ser influenciadas.

Brandão (2004) nos diz que, nesse contexto, o uso de uma linguagem comum entre os usuários da internet é geralmente a língua inglesa, considerada universal. Com isso há uma necessidade de aprofundar mais no conhecimento dessa língua e conseqüentemente haverá uma adesão de características próprias da cultura americana que passarão a fazer parte da diversidade cultural do povo brasileiro.

É uma característica dos grupos humanos buscarem uma identidade cultural e serem influenciados por outras. Na era atual os padrões assimilados têm sido cada vez mais abalados devido ao processo de globalização com o avanço da tecnologia e o encurtamento de distâncias. Nesse processo a língua é um importante instrumento, e aqui destacamos a língua inglesa por motivos já mencionados. Na próxima seção continuaremos a tratar sobre essa língua e sua relação com as questões culturais.

4.2 A língua global

Por diversos motivos, a língua inglesa é atualmente considerada uma língua universal ou global, ou seja, é utilizada no mundo todo nas negociações comerciais, no mundo acadêmico, dentre outras inúmeras áreas. Toda essa supremacia do inglês no lugar de outras línguas se deve a uma série de processos históricos ligados a questões econômicas, políticas e sociais. Segundo Figueiredo; Marzari (2012), a história elegeu o inglês como língua global em decorrência de vários fatores, dentre eles, o senhorio econômico da Inglaterra no século XIX, alavancada pela Revolução Industrial e depois a soberania político-militar que o EUA (Estados Unidos da América) exerceu na II Guerra Mundial. Dessa forma, são diversos os motivos para a hegemonia americana no mundo globalizado e para que a língua inglesa tenha se tornado a língua mundial.

Segundo Gonçalves et al (2011, p. 4) o "inglês atualmente é considerado a língua global, por ser a mais falada no mundo e ser a língua materna da maior potência mundial, os Estados Unidos". O modelo capitalista norteado pela globalização aliado à auto-estima e ao patriotismo do povo americano fez com que esse povo espalhasse sua cultura ao redor do mundo por meio não só de sua língua, mas de seus mercados. Atualmente os resultados desse processo são bastante visíveis, afinal é difícil encontrar alguma parte do mundo onde não se conheça nada da cultura americana.

Para Figueiredo; Marzari (2012), o inglês tornou-se uma importante ferramenta, tanto acadêmica, quanto profissional, sendo o meio de comunicação por excelência do mundo científico e dos negócios, em decorrência do mundo globalizado ter elegido a língua inglesa como uma língua capaz de estabelecer comunicação em todos os campos conhecidos pela humanidade. O uso do inglês vem ampliar as oportunidades sociais do cidadão. É a língua que domina todas as áreas do conhecimento, seja no esporte, na música ou até mesmo na robótica, dentre muitas outras.

Nesse sentido, usar a língua inglesa deixa de ser apenas uma necessidade e passa a ser um sinal de *status* social e prestígio. O interesse pelo inglês vem não só por questões profissionais, mas também pela ambição de se fazer pertencer a certa identidade cultural. Dessa forma, o interesse pela língua inglesa é positivo ao se considerar que a língua facilita o acesso ao conhecimento e as trocas culturais, mas

pode ser negativo quando a língua passa a ser um objeto de exclusão e discriminação, tornando inferiorizados aqueles que não têm acesso a ela.

Também é importante considerar que o uso de uma língua franca está sempre associado a questões econômicas, políticas e de poder. Segundo Pires (2002), No caso do inglês, sua história como língua universal começou ainda na Europa, quando a Inglaterra era o centro do poder, depois sua hegemonia passa aos EUA, que impulsionou a língua por meio de sua dominação econômica, principalmente.

No Brasil, a língua inglesa e a cultura americana são fortes influências para a nossa constituição linguística e cultural, prova disso é que a maioria dos estrangeirismos e empréstimos utilizados pelos brasileiros é proveniente do inglês. As influências não se restringem à língua, elas também se revelam na cultura e nos costumes. Nesse sentido, a identidade cultural dos brasileiros é bastante influenciada pelos americanos, podemos ver isso na música, nos filmes, na culinária, nas artes e em outras áreas; os meios de comunicação em massa também são responsáveis por essas influências, já que propagam de diversas formas elementos da cultura americana além de também fomentarem o prestígio pela língua inglesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou tratar sobre o uso de estrangeirismos no Brasil. O entendimento deste tema passou pela história da língua portuguesa e pelas influências que ela carrega desde seu surgimento até hoje. Neste ponto já foi possível entender que as mudanças linguísticas ocorrem e são naturais no desenvolvimento de qualquer língua.

O uso de estrangeirismos e de empréstimos é bem visto por alguns estudiosos e mal visto por outros, porém, não parece ser possível evitá-los, principalmente nos dias atuais, afinal, o processo de globalização e a expansão das tecnologias e das mídias sociais têm contribuído muito para a mistura de culturas e de línguas, o que facilita a ocorrência do uso de estrangeirismos e de empréstimos.

Constatamos também, por meio deste estudo, que a língua que mais tem influenciado o português com seus estrangeirismos é a língua inglesa. Isso se deve ao fato do inglês ser uma língua global, por diversos motivos que envolvem questões econômicas, políticas e sociais. Nesse ponto, a língua inglesa tornou-se um conhecimento a ser adquirido não só por necessidades profissionais, por exemplo, mas por uma questão de *status* social e prestígio. Assim, a língua pode ser utilizada como instrumento de inclusão e de exclusão social.

Em relação ao uso de estrangeirismos, é preciso considerar uma gama de fatores e não somente um lado da história como os radicalistas tem feito. É necessário estudar o contexto todo para que se possa chegar a uma conclusão exata acerca desse assunto que é vasto e que tem levantado bastante discussão.

O Brasil, assim como várias outras nações, não deixará de utilizar esses termos, visto que isso é algo que ocorre naturalmente em qualquer língua. O que vale é a compreensão em torno da influência desses estrangeirismos no que se refere à identidade cultural de cada sociedade.

A língua é do povo, não é uma propriedade individual, é coletiva. A maneira como determinada palavra é pronunciada depende de quem a está pronunciado, logo, não adiantará promulgar leis de proibição ao uso de estrangeirismos, pois não há nexos em punir uma pessoa pelo fato da mesma ter utilizado um tipo de estrangeirismo.

Faz-se necessário, então, analisar o contexto como um todo para que se tenha uma compreensão do conjunto de fatores que giram em torno do uso de

estrangeirismos no Brasil, assim como as contribuições que a adesão de vocábulos advindos da relação com outros povos trouxeram para o léxico do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Maria Cristina de. **História da língua Portuguesa**. João Pessoa, PB: UFPB, 2014. p. 112-158..

ALMEIDA, Adriano Carlos de et al. Comunidades Globais: a construção de comunidades imaginadas na Era da Informação. **Revista de artes e humanidades**. n. 7, nov./abr. 2011. Disponível em: <
<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n7/dossie/comunidades-globais-imaginadas-na-era-da-informacao.PDF> > Acesso em: 07 Fev. 2018.

BAGNO, Marcos. Cassandra, fênix e outros mitos. In: FARACO, Carlos A. (Org.). **Estrangeirismos: guerra em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2004. p. 47-83.

BARATA, Germana et al. A história do português brasileiro. **Com Ciência: Revista eletrônica de jornalismo científico**. São Paulo, p. 1- 4, ago. 2001.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2ª ed. rev. Campinas: Unicamp, 2004.

BRASIL, Diário da Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei no. 1676, de 1999**. 4 de novembro de 1999. p. 52060-52063.

BAVARESCO, Paulo Ricardo; TACCA, Daiane Paula. Multiculturalismo de diversidade cultural: uma reflexão. **Unoesc & Ciência – ACHS**. Joaçaba, v.7, n.1, jan./jun. de 2016, p. 61-68.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática referente à língua portuguesa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

_____. **Princípios de linguística geral**. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

COUTINHO, I. L. **Pontos da Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976. p.29-30, 46.

CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética inglesa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FALCÃO, Rafael Albuquerque Muniz; STELLA, Paulo Rogério. Estrangeirismos no cotidiano turístico e hoteleiro. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**. Penedo, v. 2, n. 2, p. 139-145, 2012.

FARACO, C A (Org.) **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2006.

FERNANDES, Patricia Damasceno; COSTA, Natalina Sierra Assêncio. A origem da língua portuguesa: contexto geral e brasileiro. **Web-Revista sociodialeto**. Campo Grande, v.5, n. 14, nov. 2014.

FERREIRA, Giselle Vasconcelos dos Santos; GOMES, Nataniel dos Santos. Os estrangeirismos na língua portuguesa. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro, CiFEFiL, n. 60, set./dez 2014.

FIGUEIREDO, Allan Fontoura; MARZARI, Gabriela Quatrin. **A língua inglesa ao longo da história e sua ascensão ao status de língua global**. UNIFRA, 2012.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Estrangeirismos: resenha alfabética e crítica de centenas de vocábulos e locuções estranhas indevidamente usadas em nossa linguagem oral e escrita**. 5. ed. Lisboa, Clássica, v.1, 1938.

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. 3ª ed. São Paulo: Parábola, 2004. p. 15-30.

GOIS, Miguel Ventura Santos. **A influência dos estrangeirismos na língua portuguesa: o processo de globalização, ideologia e comunicação**. Tiradentes, 2007. Disponível em :
<http://www.filologia.org.br/xiicnlf/textos_completos/A%20influ%C3%Aancia%20dos%20estrangeirismos%20na%20l%C3%Aangua%20portuguesa-%20um%20processo%20de%20globaliza%C3%A7%C3%A3o,%20ideologia%20e%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20-%20MIGUEL.pdf> Acesso em: 24/04/2018

GONÇALVES, Claudia Aparecida Ferreira, et al. Ouso do estrangeirismo na Língua Portuguesa. **Periódico de Divulgação Científica da FALS**. Ano V, nº X, mar. 2011. Disponível em:
<http://fals.com.br/revela/REVELA%20XVII/artigoexper_05revela10.pdf> Acesso em: 27/04/2018

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidade e modificações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INFANTE, Ulisses. **Curso prático de gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 2001.

JABLONKA, Edyta. **A influência do inglês no português contemporâneo**: em Portugal e em Moçambique. Universidade de Évora. 2010.

KLEIN, C. **Minigramática da língua portuguesa**. Blumenau: Bicho Esperto, 2010.

MOREIRA, Antonio Flávio. **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

PRADO, Natália Cristine. **O uso do inglês em contexto comercial no Brasil e em Portugal**: questões linguísticas e culturais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. 399p.

PIRES, Eliane Cristine Raab. **A língua inglesa**: uma referência na sociedade da globalização. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2002.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

SANTOS, Luciano dos. As identidades culturais: proposições conceituais e teóricas. **Revista Rascunhos Culturais**. V. 2, n. 4, Coxim/MS, jul./dez. 2011, p.141-157. Disponível em:<http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2012/07/4ed_artigo_9.pdf> Acesso em: 15/02/2018.

SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade**. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Nobel, 2002.

SANTANA, Messias dos Santos. Estrangeirismos na língua portuguesa: uma visão histórica. **Cadernos do CNLF**, v. 15, n. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

TIMBANE, Alexandre António. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. **Via Litterae**. Anapólis, v. 4, n. 1, p. 5-24, jan./jun. 2012.

ZILLES, Ana Maria S. Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. 3ª ed. São Paulo: Parábola, 2004, p. 143-161.